CONTOS E POEMAS

SOBRE O FUTURO

VOL. II

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-94405-1
2024
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

CHAT ZAPIANOS, POR AERIS, PÁG. 05
FADAS E ETS - PARTE I, POR B. B. JENITEZ, PÁG. 09
FADAS E ETS - PARTE II, POR B. B. JENITEZ, PÁG. 14
O CAMINHO DA VIDA, POR EDINEIA DE FÁTIMA CANTARINO, PÁG. 18
O FUTURO MEU E SEU, POR EDINEIA DE FÁTIMA CANTARINO, PÁG. 20
A LINHA INVISÍVEL, POR FERNANDO SCHWARTZHAUPT NOROEFÉ, PÁG. 22
O SEGREDO DOS ILUMINARES, POR GILSON SALOMÃO PESSÔA, PÁG. 24
O AMOR DE NOVO, POR MARIA MAIA, PÁG. 29
NÃO ADIANTA CHORAR SOBRE O LEITE DERRAMADO, POR MARIA MAIA, PÁG. 31
MORTE COR, POR MARIA MAIA, PÁG. 33
O AMANHÃ, POR MEIRE MARION, PÁG. 35
A MÁQUINA, POR MIGUEL PRZEWODOWSKI, PÁG. 37
FUNCIONÁRIO 084, POR PEDRO ADAMS, PÁG. 41
POEMA ARTIFICIAL, POR RAFAEL RAUTA BUIAR, PÁG. 43
A FRONTEIRA ATÉ AS ESTRELAS - PARTE I, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 47
A FRONTEIRA ATÉ AS ESTRELAS - PARTE II, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 52
ESTÁ ACONTECENDO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 57
SOMBRIO FUTURO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 59
O FUTURO EM CADA PASSO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 61
A PASSAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 63
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 65

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

CONTOS E POEMAS

SOBRE O FUTURO

VOL. II

ORGANIZADOR
ADEMIR PASCALE

APRESENTAMOS O CONTO

Chat Zapianos

Por Aeris

Aeris Z-Ω. Nightingale é o pseudônimo de uma ciber-terráquea do interior de São Paulo. É letróloga. Ela ama ficar com a sua família e amigos. Seus passatempos favoritos são: navegar no ciberespaço, ler, jogar videogame, sonhar acordada e fazer atividades físicas. É vidrada em um chá da tarde acompanhado de uma boa música eletrônica.

Para fugir do tédio, o texto foi produzido para fins de entretenimento de uma mente que vive no ósseo da realidade. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência.

10-11-2020

Mr. Italiani: Morning, I was looking for the dimension of the coronaviridae and I found this: "German Scientist hots the genome virus, specially a part which the virus is vulnerable. The scientists are doing tests in rats to discover medicines". So, they are trying to stop the high reproduction of virus. […] Enfim, descobri que é grande, mas não o tamanho exato; pois é literatura médica e a unidade está relacionada com a cadeia proteica. Não entendo destas coisas, mas sei que é bom por que não passa por quaisquer buracos.

Ms. Brazilis: O único buraco que desejo passar é o da barra com as anilhas que meu ego vai aumentar. Desculpa a piada sem graça, mas ir na academia clandestina é a minha meta dessa atual vida. Me faz sentir-se como um gatuno :D

Mr. Italiani: Sua massa é 30.000 x 166053906660(50) x 10 - 27... é minúsculo, mas maior que muitos outros vírus...

Ms. Brazilis: Bom, isso explica porque dá falta de ar... ele é pesado demais por causa da coroa :D E o que significa na sua leitura?

Mr. Italiani: Uma molécula dessas é 50 x maior... ou seja, a velocidade de propagação é menor que outros devido ao peso. Um espirro não contaminaria uma zona maior que 1m.

Mr. Northerner: Falando em buraco a minha mente já não aguenta mais ouvir e ler sobre essa infinita epidemia! Tenho tanta aula para planejar que vou acabar me formando em ciências e não em línguas.

Ms. Brazilis: Nossa nem me fala! Desde o fechamento de escolas, organização escolar, reordenamento curricular do resto do ano letivo com objetivos de aprendizagem e desenvolvimentos atrasados, e sem contabilizar faltas. A educação que já não é muita coisa, vai ficar pior. E o efeito negativo do desenvolvimento cognitivo devido ao uso excessivo do computador estará lá, no seu filho. E os professores e pais gastando com consultas médicas.

Mr. Italiani: E o pior, em nenhum outro país do mundo as escolas ficaram fechadas por tanto tempo. Só revela ainda mais o nosso atraso e falta de preparo. Ou seria burocracia?

Mr. Northerner: Eu só queria me formar e usar a beca como todo mundo ☹ Agora, parece que sou um personagem de um vídeo game tentado sobreviver a um risco biológico.

Mr. Italiani: Nossa saúde mental advém do lockdown e do combate ao vírus com pessoas trancadas em casa. Não há remédio que cure esse isolamento e ansiedade. Nem tenho mais privacidade, não sei quando é hora de trabalhar ou de descansar. Estou sempre ligado nas telas de celular e pc.

Ms. Brazilis: Bem-vindos ao sistema home office sem vale refeição e salubridade. Acha que eu estou brincando? Quando eu estiver no chuveiro, meu planejamento das aulas vão estar lá. Quando estiver vendo TV, minha orientadora vai estar lá. Quando estiver sonhando, o vírus vai estar lá.

10-06-2021

Ms. Brazilis: Eu estava lendo para tentar esquecer da vida, mas acabo focando em livro de ficção cientifica ou distopias.

Mr. Northerner: Aff, nem me fale, lembrei que ainda preciso entregar um relatório, entrar em uma reunião com a orientadora, corrigir provas e preparar mais aulas. E no meio do caminho, tentar aprender a usar uma nova ferramenta para fazer uma atividade interativa. Acho que vou ter um burnout. E pior, ninguém irá no meu enterro.

Ms. Brazilis: Que horror amigo! Vou acender o meu celular a noite para você saber que sou eu te mandando uma mensagem e iluminando a sua passagem do barqueiro nos céus. Assim você lembrará que somos amigos até no apocalipse.

Mr. Italiani: Gee!!! :D :D Vocês são umas figuras muito loucas, por isso gosto de vocês. Minha distopia do momento é investir na bolsa um dinheiro que eu não tenho. Assim terei dívidas fantasmas no outro mundo.

Ms. Brazilis: Já imaginaram como será o futuro se sobrevivermos?

Mr. Italiani: Um grande big brother onde o dinheiro é feito de criptomoedas. Os cartões serão chips implantados no braço e os nossos dados serão acessados por um QRCode.

Mr. Northerner: Teríamos carros voadores abastecidos por eletricidade. Dormiríamos em cápsulas e teríamos chips cerebrais para aprendizagem de qualquer coisa.

Ms. Brazilis: E um firewall para cada novo vírus cibernético. Sabe, com essa criatividade deveríamos escrever um livro.

Mr. Italiani: Aqui, no nosso país ninguém leria, mas acho uma ideia interessante. Melhor que escrever um artigo que ninguém lê.

02-04-2022

Mr. Northerner: Gente! Queria convidá-los para minha formatura online! Vou ser orador da turma! Não tolero desculpas de estarem sem internet.

Ms. Brazilis: Amigo, meus sinceros parabéns! Sei que não será a formatura dos seus sonhos, mas ainda sim, é uma grande vitória sobreviver a todos esses desafios da graduação nada normal nessa terra. Irei mandar abraços e gritos virtuais. Só que a comida da comemoração não pode ser virtual <3

Mr. Italiani: Parabéns! Estarei lá também

Mr. Northerner: Obrigado gente! Vocês são tudo pra mim! Não teria sobrevivido a essa pressão sem vocês. E pode deixar, assim que voltarmos ao normal, vai ter festa de um dia inteiro.

Ms. Brazilis: Sabe que tive muita sorte de conhecer vocês antes dessa peste ser liberada do pandemônio. Pois pude entender que a virtual agiliza na conexão e no tempo, mas somente o real é que nos humaniza. Grata por me deixarem participar de todos esses momentos.

Mr. Northerner: Amiga, caiu até um cisco aqui. Obrigado você por estar presente virtualmente.

Mr. Italiani: Bom, vou abrir o meu vinho e acender o charuto em comemoração à nossas vitórias em meio a algumas tristes perdas. Gracie, meus amigos.

APRESENTAMOS O CONTO

Fadas e ETs - Parte I

Por B. B. Jenitez

B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. É professor no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Publicou O Beijo de Juliana (Multifoco, 2014; KDP, 2021), Projeto Mulah de Tróia (Drago, 2016), Projeto Mulah de Tróia 2 (KDP, 2020), Demiurgo – Deus e Acaso (KDP, 2020), Ágatha em Todo Lugar em Todo Tempo (KDP, 2023). Participou das antologias: FCdoB-2010/2011, Solarium 3, Galáxias Ocultas, Teslapunk 3, Antologia Asimoviana, O Livro da Ficção Científica Brasileira, Passaporte Atemporal, Almas Fabricadas, Antologia Dimensional, Antologia Aventuras no Tempo entre outras.

— Meu avô disse que já viu um Saci-Pererê no sítio dele — disse Clarisse.

— E o meu viu a Mãe D'Ouro ir daquela montanha até aquela outra — afirmou Heloisa.

— Minha avó viu um disco-voador, só que não era um disco, mas um triângulo enorme, preto, que passou sobre a casa dela quando ela ainda morava aqui — relatou Levi.

— Mas acho que é história de gente velha, afinal nossos pais nunca viram nada — falou pensativa Heloisa.

— Bom, tem aquela história do tio Flávio, que viu uma luz enquanto voltava de uma festa e só acordou horas depois na frente da casa dele — relembrou Clarisse.

— Mas agora tem todas essas histórias acontecendo de novo aqui em Peruíbe. Meu avô disse que, quando tinha a nossa idade, fundou um clube de investigação. Acho que se chamava C.E.F.A. — Centro de Estudos de Fenômenos Aeroespaciais ou algo assim — disse Levi.

— A gente podia fundar o nosso clube... E investigar todas essas histórias! — propôs Clarisse.

— Todas? Mas e essas histórias esquisitas? Fadas luminosas que não tem asas... Saci-Pererê com duas pernas! E Boitatá! Que raio de boi é esse? — Heloisa resumiu as coisas que tinha visto num canal Q-YouTube.

— Acho que se fala M'boi-tatá, Heloisa. Não é um boi, é da língua indígena e quer dizer Cobra de Fogo. Mas na verdade é uma bola de fogo que, como anda em zigue-zague, as pessoas ficam com a impressão que tem uma cauda. Eu fiz um trabalho de folclore sobre isso na escola, porque Batatais, que fica perto de Ribeirão, tem esse nome devido ao M'boi-tatá... — afirmou Levi com conhecimento de fato.

— Pensei que era uma cidade que plantava muita batata... — riu Clarisse.

— A ex-mulher do meu avô era de Batatais e contou isso para ele — informou Levi.

— A ex-mulher do seu avô não é sua avó? — perguntou Clarisse.

— Não, a minha avó é a Nice, que é a sua tia-avó, oras! Foi a segunda mulher dele. Olha, essas coisas de adultos são complicadas — esclareceu Levi.

— Vamos deixar isso para lá. Se a gente for tentar entender quem é tio de quem, quem é primo de quem, vamos gastar dias! — recomendou Heloisa.

— Eu sei — disse acabrunhado Levi. Eu que sou de fora não conheço metade dos meus primos...

—Pois é, isso é culpa da bisavó, que teve onze filhos... — finalizou Clarisse.

oooOOOooo

O avô de Levi se chamava Benício "Bono" Jenitez. Na verdade, o Bono foi acrescentado por sua ex-mulher porque ela era muito fã do U2. Então as crianças o chamavam de vô Benício ou mesmo vô Jenitez (pois apenas Levi tinha o mesmo sobrenome). Levi estava com seu avô, e seus pais Mariana e Kauê, hospedados na pousada *Morada do Sol*, à beira-mar. Esta pousada construída por seu bisavô, fora vendida pouco antes de sua morte, mas agora B. B. Jenitez e familiares a estavam visitando para avaliar se seria interessante comprá-la de volta para uso de toda a família.

As crianças cercaram o avô Benício no final da tarde, enquanto ele observava o pôr-do-sol fumando um cachimbo eletrônico.

— Vô Benício, nos conte sobre quando você tinha a nossa idade e era pesquisador de OVNIs! disse Levi.

— Nossa, isso faz muito tempo... Eu tinha 13 anos... — Vô Benício apertou os olhos como que para lembra melhor... — Foi durante a grande onda da OVNIs de 1976 — 1977.

— Nossa, faz sessenta anos! — exclamou Levi, que era rápido de contas.

— Pois é, muito parecido com o que está acontecendo aqui em Peruíbe. Tinha notícia de OVNIs quase todo dia — relembrou o avô.

— Mas tem outras coisas acontecendo aqui, avô! As pessoas falam de Fadas, M'boi-tatá, Mãe D'ouro, Saci-Pererê, até a Virgem... — relatou Heloisa.

— Eu sei, Heloisa. Se você procurar direito, vai achar também histórias do Curupira, Mula-sem-cabeça, ETs, abduções, Anjos e tudo mais, completou o avô.

— Mas essas histórias não podem ser todas verdadeiras, certo? — inquiriu Clarisse.

— Ou todas fazem parte do mesmo fenômeno... — disse o avô dando mais uma baforada.

— Mas como pode ser isso? — perguntaram juntas as crianças.

— Ok, vamos tentar aplicar o método científico — disse o avô, que havia sido um físico profissional. — Vamos primeiro categorizar, juntar os relatos semelhantes. Por exemplo, o que as fadas, o M'Boi Tatá, a Mãe D'Ouro e a Mula-sem-cabeça têm em comum?

— Na verdade todas envolvem bolas de luz, e o resto poderia ser imaginação da pessoa — disse Clarisse.

— Certo. E o que os ETs, o Saci-Pererê, o Curupira, os Anjos e a Virgem têm em comum?

— Hum... São todos seres estranhos, mas todos são humanoides: tem pernas, braços, cabeça, rostos, bocas, olhos... — disse Levi, que lia e assistia muito ficção científica.

— Então, vocês não acham isso estranho? Todos vocês conhecem a Teoria da Evolução?

— Sim, acho que sim — disse Levi. As duas primas ficaram quietas.

— O que acontece é que todos esses seres parecem inteligentes, mas pela Teoria da Evolução eles não deveriam ter o mesmo formato corporal, ser humanoides, entendem? Olhem para os outros animais inteligentes do planeta: Elefantes, golfinhos, corvos, polvos... todos são muito diferentes entre si, e olha que evoluíram no mesmo planeta! Não tem chance de um ET evoluir com um corpo humanoide em outro planeta... — discorreu o avô.

— Então agora temos duas classes de fenômenos: bolas de luz e seres humanoides. Mas em geral as tais bolas de luz são pequenas e não poderiam ser naves onde esses seres coubesse. Mas vamos prosseguir: por que todos esses fenômenos acontecem justo em Peruíbe? — questionou o avô.

— Bom, dizem que aqui tem uma base de ETs, ou talvez um portal para outra dimensão — afirmou Heloisa.

— Heloisa, você fala de ETs, naves etc. porque nasceu no século XXI. Se fosse no século XIX, você estaria falando dos seres do folclore, do M'Boi-Tatá, da Mãe D'ouro, de Anjos e da Virgem Maria etc. — questionou o avô.

— Mas todas as bolas luminosas poderiam ser OVNIs e todos os seres estranhos poderiam ser ETs! exclamou Heloisa.

— Sim, este é o jeito mais simples de pensar essas coisas. Mas na verdade é simplista. Uma outra possibilidade é que todas essas coisas existam por si mesmas, de forma independente...

— Até o Saci-Pererê de duas pernas que foi filmado e saiu no Q-Youtube? — riu Clarisse.

— Sim, e as fadas voadoras sem asas também — afirmou o avô. No meu tempo, um escritor chamado Jacques Vallée, apresentou essa hipótese que os ETs, e outros seres do folclore, não vinham do espaço exterior, mas sim de um espaço interior, que ele chamou de Magônia. E antes disso, um psicólogo famoso chamado Jung, também defendeu uma ideia parecida.

— Mas como? — perguntou Levi.

— Bem, eu tenho duas hipóteses — disse o avô. Vocês sabem que eu estudo Peruíbe desde que eu morava aqui, com 25 anos, quando conheci a avó Nice. Pois bem, Peruíbe tem a fama de ser capital brasileira dos OVNIs. Mas não tem sentido ETs escolherem um dado local para aparecer sempre. Essas ideias de portais e bases é pura imaginação. Peruíbe tem outras peculiaridades. Por exemplo, ela está situada sobre uma falha geológica. E o morro de Peruíbe é um monólito que exerce grande pressão em sua base. Essas condições favorecem a formação de relâmpagos esféricos.

— Relâmpagos esféricos? perguntou Levi.

— Bolas de luz que poderiam ser confundidas com o M'Boi-tatá, a Mãe D'ouro e mesmo a Mula-sem-cabeça. Além de OVNIs e fadas, claro! Se você pega um mapa geológico do Brasil com as falhas geológicas, verá que a maior parte dos casos de OVNIs ocorrem perto delas, e não existe nenhum motivo para isso — completou o avô.

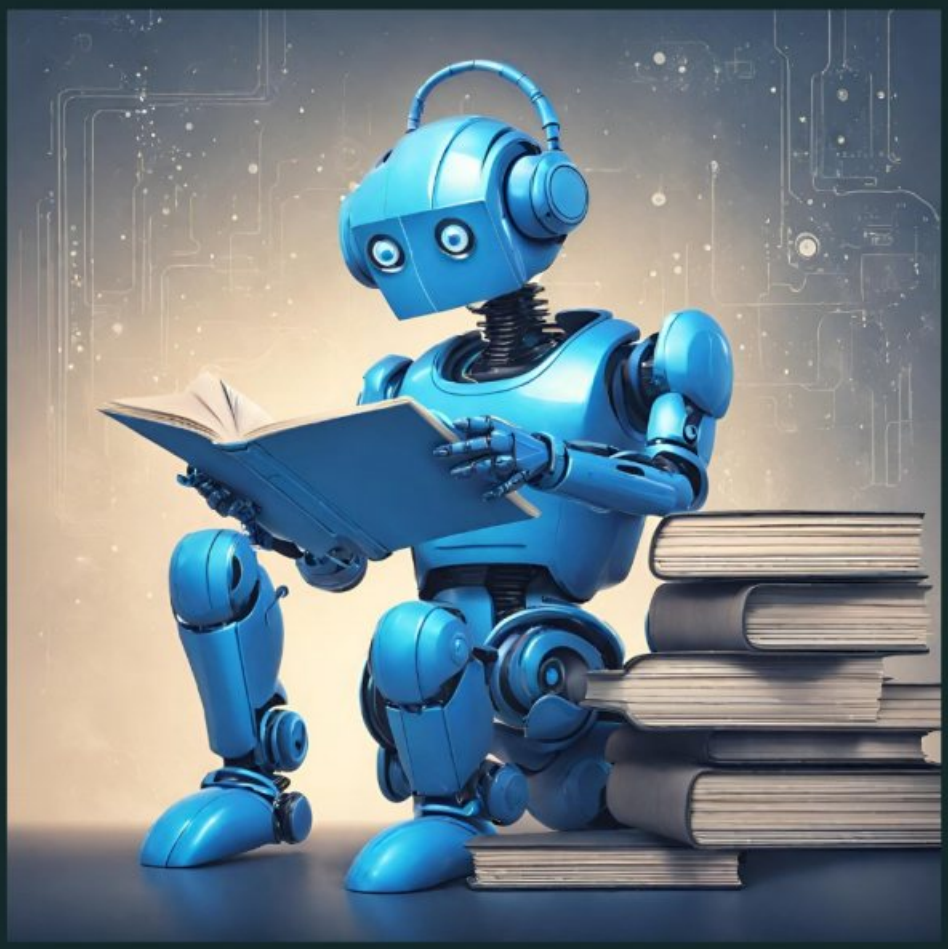
— Mas isso não explica os OVNIs em formato de disco ou triângulo como a avó Nice viu — questionou Levi.

— Calma. Falta explicar isso e os seres estranhos também. Então, hoje sabemos que os relâmpagos esféricos afetam os cérebros das pessoas por estimulação magnética produzindo alucinações. E eu tenho uma hipótese adicional. A atividade sísmica pode também liberar gases alucinógenos que induziriam as pessoas a verem OVNIs de outras formas, ETs, seres estranhos, abduções etc. — completou o avô.

— Mas vô, essa é apenas uma ideia. Como provar isso?

— Em ciência nunca se prova nada... Mas a gente pode testar. Vamos subir no morro de Peruíbe para observar. Mas imagino que os pais de vocês não vão autorizar... finalizou o avô.

CONTINUA...



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Fadas e ETs - Parte II

Por B. B. Jenitez

B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. É professor no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Publicou O Beijo de Juliana (Multifoco, 2014; KDP, 2021), Projeto Mulah de Tróia (Drago, 2016), Projeto Mulah de Tróia 2 (KDP, 2020), Demiurgo – Deus e Acaso (KDP, 2020), Ágatha em Todo Lugar em Todo Tempo (KDP, 2023). Participou das antologias: FCdoB-2010/2011, Solarium 3, Galáxias Ocultas, Teslapunk 3, Antologia Asimoviana, O Livro da Ficção Científica Brasileira, Passaporte Atemporal, Almas Fabricadas, Antologia Dimensional, Antologia Aventuras no Tempo entre outras.

— A gente pode falar que é apenas um passeio de pesquisa científica orientada pelo senhor. Não precisam saber que estamos caçando ETs! — disse Levi.

— Na verdade não estamos. Se estou certo, estaremos caçando os seres de nosso próprio inconsciente. Os habitantes de Magônia.

oooOOOooo

Heloisa conseguiu quatro garrafas térmicas com água gelada, Clarisse trouxe uma cesta com comidinhas e Levi, bem, Levi não trouxe nada, afinal não morava em Peruíbe. Todos levaram seus Q-celulares com GPS de locais e pessoas, prontos para filmarem qualquer fenômeno estranho. Menos o avô, que disse que os seres de Magônia não podiam ser filmados, mas apenas as bolas de luz. Mesmo assim ele trouxe um binóculo potente.

Avisaram os pais sobre o passeio até o morro de Peruíbe e a presença do avô sinalizou que o devido cuidado seria tomado. Saíram depois do almoço, pois planejavam ficar até a noite, quando as bolas de fogo apareciam.

— Ontem foi vista a tal Mãe D'Ouro, que sai do morro e se choca com aquele outro morro ali, disse Heloisa. — Bom, pelo menos foi o que falaram num Q-YouTube da cidade.

— Então iremos para esse local — disse o avô — Mas vamos mais devagar que eu canso nessa subida!

Lá pelas quatro da tarde chegaram no local.

— E agora, o que fazemos? — disse Levi já impaciente.

— Bom, tem comidinhas e doces aqui — Clarisse foi abrindo a cesta.

— Pois é, acho que chegamos muito cedo — disse o avô — As coisas acontecem mais à noite.

Comeram e beberam em silêncio, pensativos.

— Avô — perguntou Levi. E se esses ETs ou seres estranhos quiserem nos raptar, levar embora, sei lá!

— Na verdade, em centenas de aparições aqui em Peruíbe, e mesmo em outros locais, isso nunca aconteceu. Nas abduções, a pessoa sempre é devolvida. Os casos onde se disse o contrário, quando estudados a fundo, se revela que a pessoa não desapareceu. Na verdade, eu desconfio que ela cai no chão, sob efeito dos campos magnéticos ou

gases, e alucina tudo. O inconsciente vai ditar o que ela vai ver, se um ET, um Curupira, um Anjo ou a Virgem Maria. O mesmo acontece com quem fala que os ETs apareceram dentro do quarto. É uma coisa chamada Paralisia do Sono, quando a pessoa acorda, mas se sente paralisada. Antigamente as pessoas viam demônios sentados em seu peito, os sufocando, não ETs. É muito comum, sua tia Juliana tinha isso, ela se sentia paralisada com presenças ao seu redor.

— O Sr. está dizendo que não tem nenhum perigo? — perguntou Clarisse.

— Se tivesse eu não teria trazido vocês.

oooOOOooo

O sol se pôs e as estrelas apareceram. O avô tentou ligar para os pais para avisar que iriam atrasar um pouco, mas não conseguiu sinal. As crianças tentaram e também não tiveram sucesso.

— Eu acho que o problema é que não tem antena de celular aqui perto — disse o avô. — Não tem problema, a gente volta mais cedo.

— Avô, avô, olha aquilo lá! — gritou Levi apontando para o céu. Uma bola de luz alaranjada saia de perto do morro e, numa velocidade enorme, se dirigiu ao morro situado em uma ilha ali perto.

Clarisse e Heloisa tentaram filmar, mas não foram rápidas o suficiente.

— Eis a sua Mãe D'Ouro, Levi. Mas não adianta procurar por ouro lá onde ela se chocar com o morro, não tem nada lá.

Eles estavam em uma estradinha ao pé do morro. E então apareceram pequenas bolas de luz, como se fossem imensos vaga-lumes. Mas não eram insetos, eram apenas bolinhas de luz.

— Essas são os orbes ou fadinhas sem asas, pessoal! gritou o avô.

Então apareceu outra bola de luz, mas agora ela fazia volteios e zig-zags.

— É o M'Boi-Tatá. Acho que esse vocês conseguem filmar.

As crianças fizeram isso com sucesso.

E então apareceu uma bola de fogo maior, à baixa altura na estradinha, como se estivesse os encarando. Parecia soltar fogo pelas ventas (só que não tinha ventas).

— Estamos com sorte, crianças! Vamos documentar tudo. Essa aí deve ser a Mula Sem-Cabeça!

E então um grande disco luminoso saiu de trás do morro e pairou sobre eles. Ficaram com medo.

— Nada de medo, gente! É apenas mais um relâmpago esférico, só que grande e achatado — disse o avô. Mas ele estava ficando com medo pelas crianças, pois um objeto tão próximo poderia afetar seus cérebros com seu campo eletromagnético.

As crianças se abraçaram, o avô Jenitez ficou entre elas e o objeto.

oooOOOooo

E então se descobriram andando perto do porto de Peruíbe, já perto de casa.

Heloisa estava com muito medo:

— Vocês viram aquele ET escuro e pequeno? Parecia o Saci-Pererê mesmo, mas com duas pernas.

— Eu vi aquela mulher linda, flutuando no ar — disse Clarisse.

— O que eu vi parecia um ET *gray* — disse Levi.

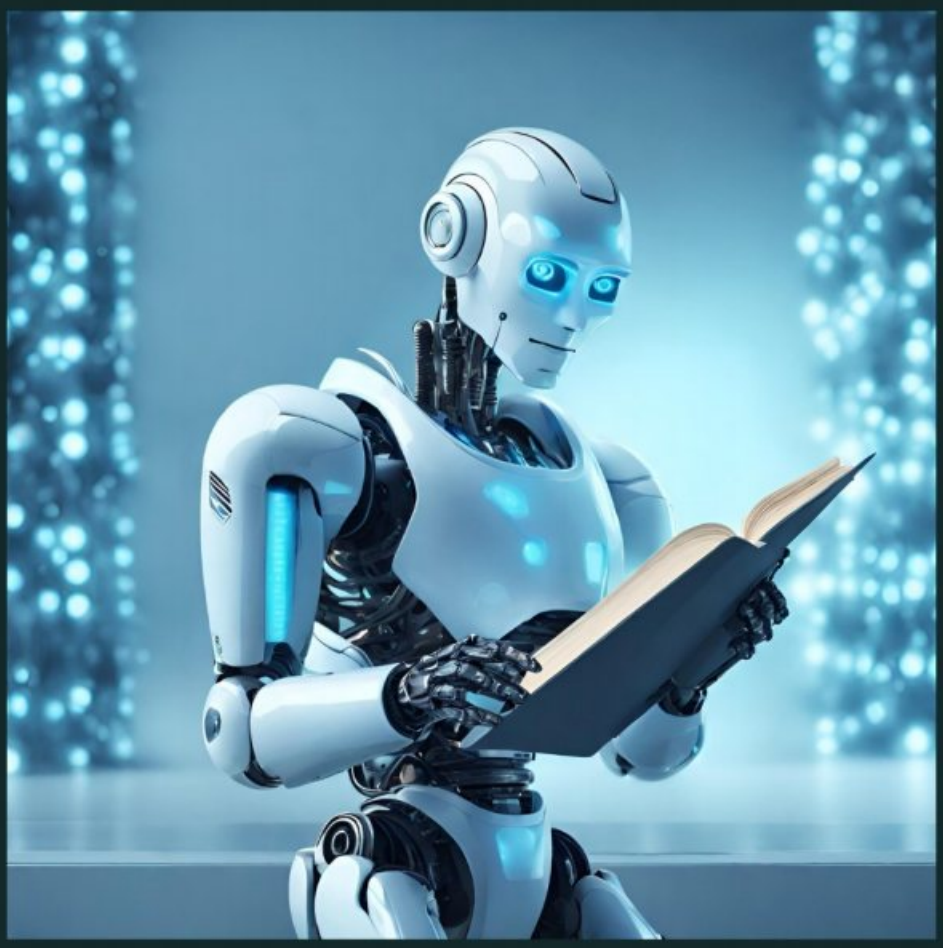
O avô ficou quieto, porque havia visto sua falecida mulher. Olhou para o relógio e comentou:

— Crianças, olhem seus Q-celulares. Perdemos cinco horas, é quase quatro da manhã!

— Nossos pais vão dar a maior bronca! — disse Clarisse.

— Eu sei, mas eu vou explicar, deixem comigo.

Então chegaram na pousada, cansados, mas satisfeitos e maravilhados: haviam visitado o incrível país de Magônia.



APRESENTAMOS O POEMA

O caminho da vida

Por Edineia de Fátima Cantarino

Nascida na cidade de Barbacena, passou a residir na cidade vizinha Santa Barbara, na qual reside até atualidade.
Busca-se descrever em suas obras coisas sobre natureza, amor, futuro, sonhos, trazendo o olhar sobre as diversas oportunidades que a vida traz. Buscando mostrar beleza da vida e natureza.

Olha aquela estrada muita gente passou por ela
Muitos carros, cavalos gente a pé
Vão desaparecendo na curva da estrada
Teve tantas coisa que já aconteceu nessa estrada

Quanta gente já passou
Pensando refletindo a vida muitos já passaram
Dando alô para os amigos
E muitos passaram sem rumo e sem destino

Estrada que leva em algum lugar
Um destino que todos vão
Essa estrada já foi palco de muitas coisas engraçadas

Foi lugar onde casal brigavam,
Onde filhos revoltaram
Onde irmãos deram rizadas
e amigos se encontraram

Onde pessoas também choraram
Estrada que nos dá acesso
Que nos leva a um destino
Que leva ao lugar almejado
E que muitos jovens, adolescentes
e idosos já passaram.
Nesse lugar trazemos vida
E buscamos um encontro
No qual nem entendemos o futuro!

APRESENTAMOS O POEMA

O futuro meu e seu

Por Edineia de Fátima Cantarino

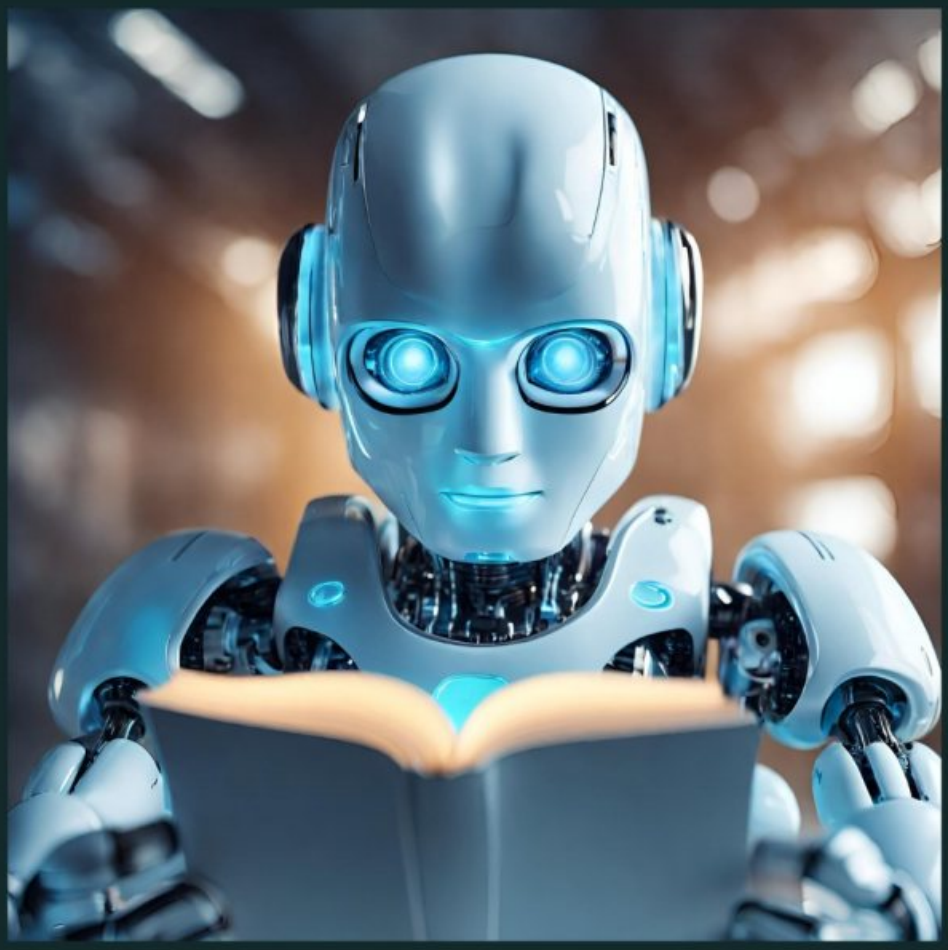
Nascida na cidade de Barbacena, passou a residir na cidade vizinha Santa Barbara, na qual reside até atualidade.
Busca-se descrever em suas obras coisas sobre natureza, amor, futuro, sonhos, trazendo o olhar sobre as diversas oportunidades que a vida traz. Buscando mostrar beleza da vida e natureza.

Abandonar o passado
Vivendo de uma vida, onde teremos direção.
Essa direção sem ter aborrecimento.
Acompanhada de uma leveza terna e temível.
Onde no dia possa-se ter e ser aconchego e ânimo.

A escuridão nos torna insensatos,
Não se escuta ameaças ao redor,
Por isso acima da verdade está o que vem depois.
O que passou ou vira nesse meu e seu futuro.

Almejar ficar presos nos dias as centrais que foram e um obstáculo, mas buscar olhar o futuro talvez solução.
Desse que vem ser e trazer amor,
Que nos leva paz, de um futuro que será eterno bem.

Nela encontra esperança para tentar viver pluralidade.
Novas conquistas com algo relativo ao que já foi.
Porém, nunca sendo repressão do que um dia foi vivido.
Olhar pelo além, além do além do aquém.
E a forma de ver no horizonte
Cheio de estrelas que lá brilharão.



APRESENTAMOS O POEMA

A Linha Invisível

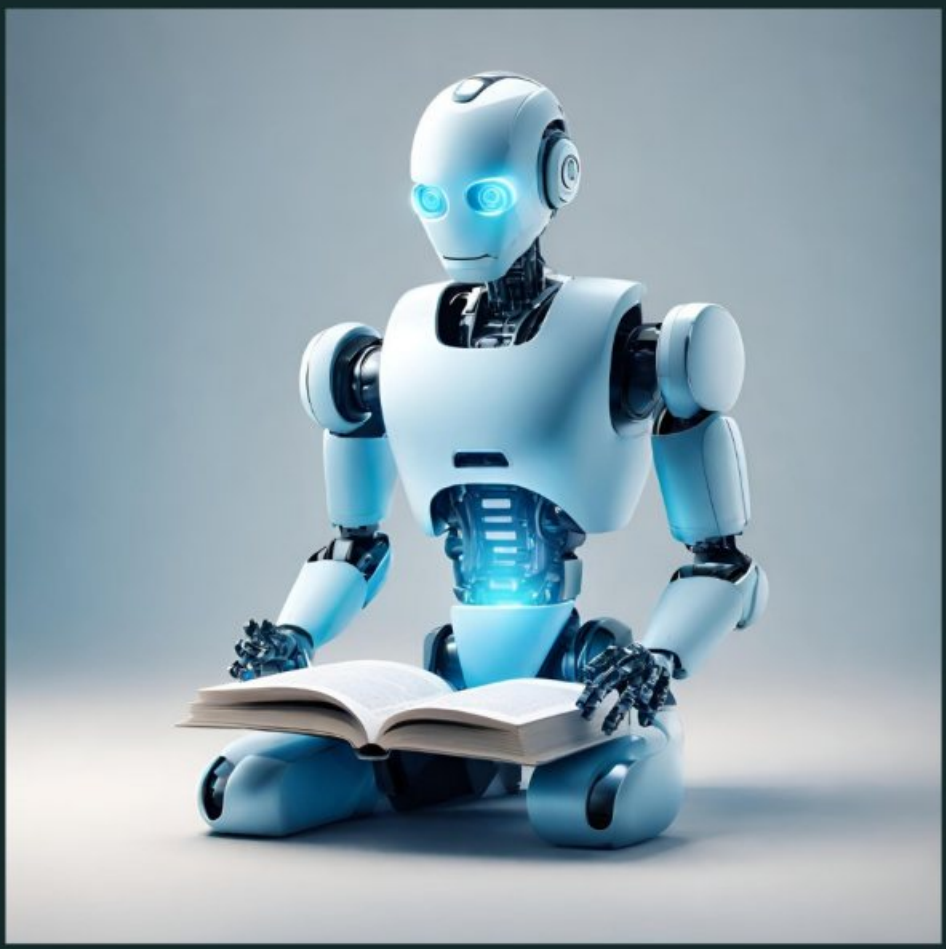
Por Fernando Schwartzhaupt Noroefé

Fernando Schwartzhaupt Noroefé é formado em Processos Gerenciais pelo IFRS e cursa uma especialização em Engenharia de Software. Atualmente está se aventurando na escrita de contos e poemas.

Eu sou um caminho não trilhado,
posso ser suave como uma brisa,
ou tortuoso como uma montanha,
comigo não há diálogo, não existe barganha:
“se plantou, terá de colher”,
e nem tente se encolher,
pois estou sempre um passo à frente.
para mim, sua alma é transparente.

Me confundem com o futuro,
entretanto, ele é apenas inevitável,
eu sou justo e implacável.

Posso ser uma tela pronta para ser pintada
ou uma página em branco, ainda não rabiscada,
mas sua criação em mim não pode ser apagada,
comigo, o final da sua história se tece,
com meus toques você aprende, mas envelhece,
em cada escolha, cada respirar,
sou eu, o Destino, a te guiar.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O segredo dos luminares

Por Gilson Salomão Pessôa

Gilson Salomão Pessôa é formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Colunista na área de Cultura Pop em sites como o site da Editora Panóplia: https://www.editorapanoplia.com.br e Revista K7: www.revistak7.com.br, já publicou dois livros, um de prosa e um de poesia. Atualmente trabalha como funcionário público na Secretaria de Cultura de Matias Barbosa, Minas Gerais. Publica também seus textos no blog: kantocontos.blogspot.com

Em um futuro distante, a humanidade abandonou a Terra por falta de recursos e o que sobrou de sua população habita uma gigantesca estação espacial chamada Celestial Horizon, em órbita ao redor de um sol longínquo com avançados laboratórios de pesquisa, instalações de produção de alimentos e módulos residenciais com vistas panorâmicas. Equipada com tecnologia de propulsão avançada, seu objetivo principal é estabelecer uma presença humana sustentável no cosmos.

A sociedade por sua vez é governada por inteligências artificiais avançadas conhecidas como os Preservadores, que obviamente pregam o raciocínio lógico e o pragmatismo, desencorajando qualquer espécie de emoção ou empatia. Eles doutrinam que ceder aos instintos humanos básicos foi o que causou a derrocada da civilização. Dessa forma, a grande maioria das pessoas se comporta como robôs orgânicos que obedecem sem questionar, acreditando que essa é a melhor alternativa para a própria sobrevivência.

Nesse contexto vive Elena Nova, uma cientista que analisa dados que foram preservados para serem transmitidos para futuras gerações. Sua rotina é bastante formal e repetitiva, assim como a de vários outros cidadãos do local. Em um desses dias aparentemente normais ela recebeu uma ligação de seu melhor amigo Plinio Ruiz, que trabalhava em um enorme setor monitorando possíveis sinais de vida em outros planetas, para realocar a população quando encontrassem um local apropriado.

A mensagem era de um planeta chamado Lumis, mas foi logo descartada pois o lugar em questão era formado basicamente de água, com exceção do seu núcleo que era uma gigantesca esfera de pedra.

Elena ficou intrigada e quis saber mais sobre a mensagem e quis investigar, mas os Preservadores a proibiram. Ela insistiu e continuou querendo saber mais. Os governantes, percebendo uma possível perturbação à ordem local, decidiram deixá-la ir para verificar de perto, sob a condição de que ela não revelasse as suas descobertas à população. Para garantir que ela não retornasse de sua viagem, sabotaram secretamente a nave da moça.

A nave partiu, mas quando estava prestes a fazer um pouso na superfície líquida, suas turbinas falharam e ela acabou afundando e ficando inconsciente durante esse processo.

Quando ela acordou percebeu que estava em uma espécie de enfermaria, sendo observada por estranhas criaturas humanoides com um corpo esverdeado e gelatinoso que emitiam uma estranha bioluminescência em constante movimento dentro de seus

corpos translúcidos. Os pés tinham membranas entre os seus dedos, que permitiam que eles se movimentassem com grande velocidade em superfícies líquidas.

A cientista logo percebeu que aquela era a forma pela qual eles se comunicavam. Enquanto ficou enclausurada pelos mesmos, que a mantiveram numa espécie de cativeiro até decidir o que fazer com ela, foi estudando os padrões de luz complexos até compreender o que eles estavam dizendo e construir um dispositivo que permitisse uma comunicação entre as duas raças. Assim foi o primeiro contato dela com os Luminares, os curiosos habitantes daquele insólito planeta.

Aos poucos ela foi entendendo e ficando fascinada com toda a estrutura social que acontecia ali. Através de ventosas nas pontas de seus dedos eles conseguiam transmitir suas emoções com bastante clareza colocando as mãos na cabeça de seus interlocutores e assim se entendiam melhor, pois não havia a possibilidade de falha na compreensão através de palavras ou sons. Tudo acontecia de forma bastante orgânica e harmônica. Se alimentavam basicamente de algas e peixes processados em pílulas o que reduzia o tempo das refeições e permitia que eles produzissem mais, não dormiam porque não ficavam cansados, apenas faziam pequenas pausas para um descanso ocasional.

O núcleo do planeta era revestido por uma membrana viscosa que evitava a penetração de água e ao mesmo tempo filtrava o oxigênio para os seus habitantes. Sua cobertura também ajudava na camuflagem das cidades, evitando que os cidadãos fossem devorados por enormes predadores marinhos que circulavam pelas águas do planeta. Por sorte a nave de Elena foi avistada por um grupo de pescadores que estavam nas redondezas e conseguiram resgatá-la a tempo.

As cidades possuem uma arquitetura deslumbrante com suas estruturas elegantes e integradas a recifes de coral. Laboratórios de pesquisa subaquática, jardins bioluminescentes e um sistema único de transporte aquático avançado contribuem para a sua atmosfera única, tornando a mesma bastante impressionante.

Aprendeu também que eles possuem um vasto conhecimento sobre o universo e sua história. Eles compartilharam com ela a história de uma antiga civilização galáctica que libertou acidentalmente uma ameaça que agora é um perigo para todos: um polvo interdimensional chamado Bomus, uma criatura de proporções cósmicas que envolve planetas com os seus tentáculos contendo padrões iridescentes que se estendem por milhões de quilômetros e se alimenta de seus recursos, deixando para trás uma trilha de

rochas etéreas. Esse colosso galáctico possui olhos cintilantes que refletem a luz das estrelas, conferindo-lhe uma aparência majestosa.

Ao saber disso ela obviamente ficou bastante impressionada e assustada, pois aquele perigo iminente fez com que ela se sentisse bastante impotente. Essa era a mensagem de aviso que tinha sido interceptada e deletada pela estação onde ela morava. A melhor alternativa seria mandar uma mensagem encriptada pelo seu transmissor para o seu amigo, na esperança de que o seu amigo tomasse alguma providência a respeito.

O primeiro passo a ser tomado seria tentar traçar a localização do monstro e sua trajetória, o que foi possível através da avançada tecnologia dos Luminares. Em seguida procuraram por espécies que produzissem algum tipo de descarga elétrica como o poraquê na Terra.

Descobriram um tipo de serpente marinha chamada Syntrax e através de mais cálculos chegaram a um número suficiente para eletrocutar a ameaça assim que o mesmo ameaçasse envolver o planeta. A água salgada serviria como um potente condutor que ampliaria a descarga por toda a sua superfície.

Agora era só construir o maior capacitor possível para que o seu plano desse certo. Teve inicio então um processo que levou vários anos para ser construído. Felizmente a criatura levou bastante tempo para chegar porque acabou encontrando obstáculos imprevistos, como frotas interestelares que tentaram derrubá-lo e um buraco negro que quase o sugou.

Com a ajuda de seus novos amigos luminarianos ela conseguiu resgatar peças de sua nave que tinha caído num lugar um pouco distante e assim, depois de bastante tempo ela conseguiu terminar o seu projeto: com um núcleo de materiais exóticos, alcançou a capacidade de armazenar enormes quantidade de energia extraídas das serpentes. Sua carcaça externa, feita de um material altamente resistente, possui um painel de controle holográfico para ajuste da carga. Agora era só esperar.

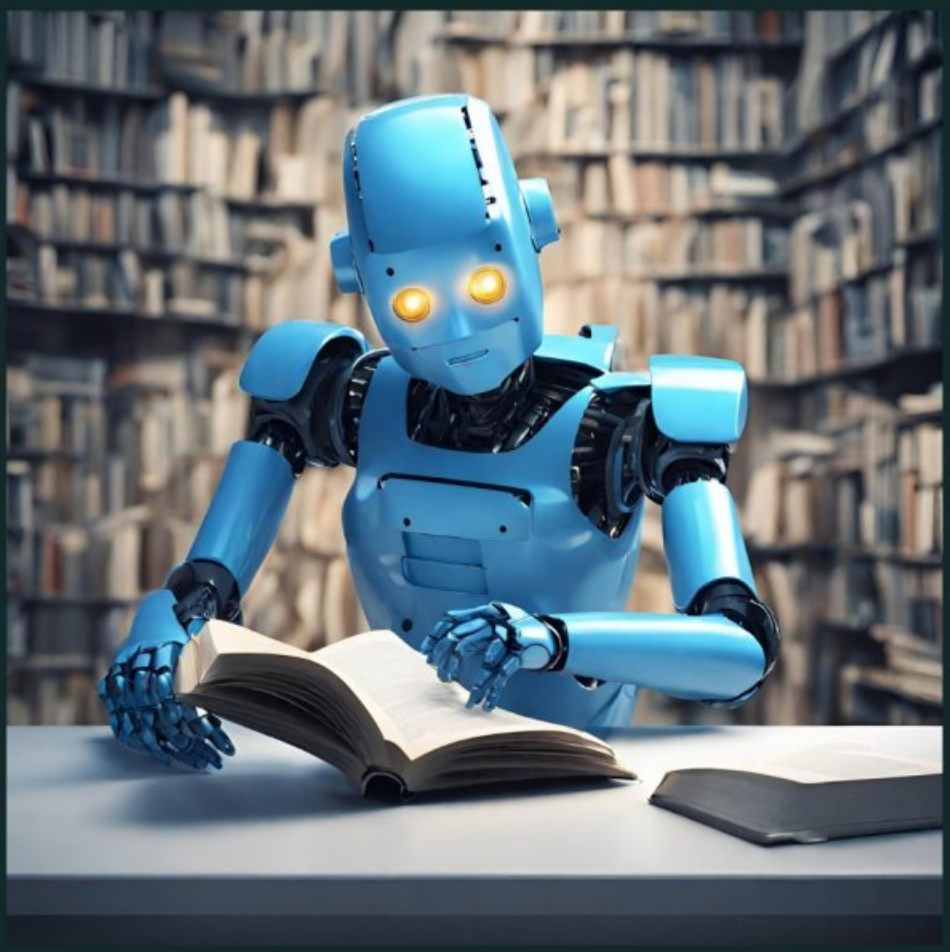
Esperaram tanto tempo que chegaram a cogitar que o evento em questão só aconteceria depois de alguns milhares de anos, tendo em vista que a criatura se movia numa velocidade bastante vagarosa por causa do seu exacerbado tamanho. Até que um dia finalmente aconteceu.

Estavam todos cuidando de seus afazeres quando foram encobertos por uma enorme sombra que escureceu toda a cidade de Ullurya, onde Elena e seus amigos estavam.

A cientista correu o mais rápido que pode em direção ao dispositivo enquanto um guincho ensurdecedor reverberava pela água, causando desmoronamentos e gerando um pânico generalizado.

O capacitor demorou um tempo para ficar totalmente funcional e a moça estava bastante apreensiva, pois não estava tão confiante de que seu plano iria funcionar. Por fim o dispositivo emitiu uma onda elétrica que foi gradativamente se ampliando por causa da água marinha. O choque acabou sendo forte o bastante para repelir e assustar a criatura que, atordoada resolveu seguir em busca de um outro planeta para saciar a sua fome.

Os habitantes ficaram bastante felizes e eternamente agradecidos à humana, que decidiu ficar morando com eles. Agora só lhe restava aguardar que a mensagem tenha sido devidamente entregue e decifrada pelo seu amigo antes que fosse tarde demais. Sabia que a Celestial Horizon tinha um excelente sistema de defesa, mas será que seria o bastante? As dúvidas a assombravam, mas naquele momento ela não podia fazer nada. Pela primeira vez na vida e contra todas as probabilidades, tudo o que lhe restava agora era a fé.



APRESENTAMOS O POEMA

O amor de novo

Por Maria Maia

Maria Maia é socióloga e antropóloga e mestre em comunicação social pela Universidade de Brasília. Trabalhou durante 20 anos como roteirista e documentarista na TV Senado. Publicou poemas em antologias, jornais e revistas. A "poeta da palavra e da imagem", como gosta de dizer, se autodefine com um verso de Mário de Andrade:" eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta".

Novo no velho caminho
no meio sem pedra
amornovo
amorninho

APRESENTAMOS O POEMA

Não adianta chorar sobre o leite derramado

Por Maria Maia

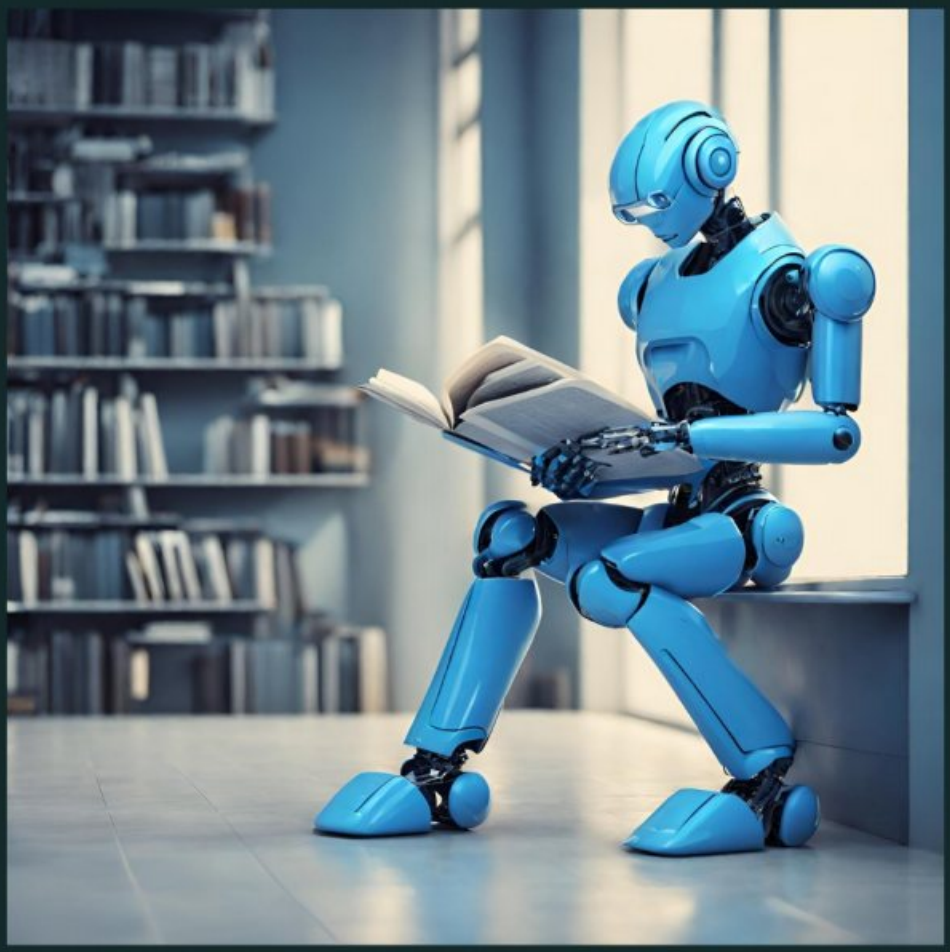
Maria Maia é socióloga e antropóloga e mestre em comunicação social pela Universidade de Brasília. Trabalhou durante 20 anos como roteirista e documentarista na TV Senado. Publicou poemas em antologias, jornais e revistas. A "poeta da palavra e da imagem", como gosta de dizer, se autodefine com um verso de Mário de Andrade:" eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta".

Quem ama
objeta além
do que tem

mais que matéria
o amor
enterra as misérias

quem não ama
não sabe o leite
que derrama

com o auxílio luxuoso
do Roger (que deu o tema)



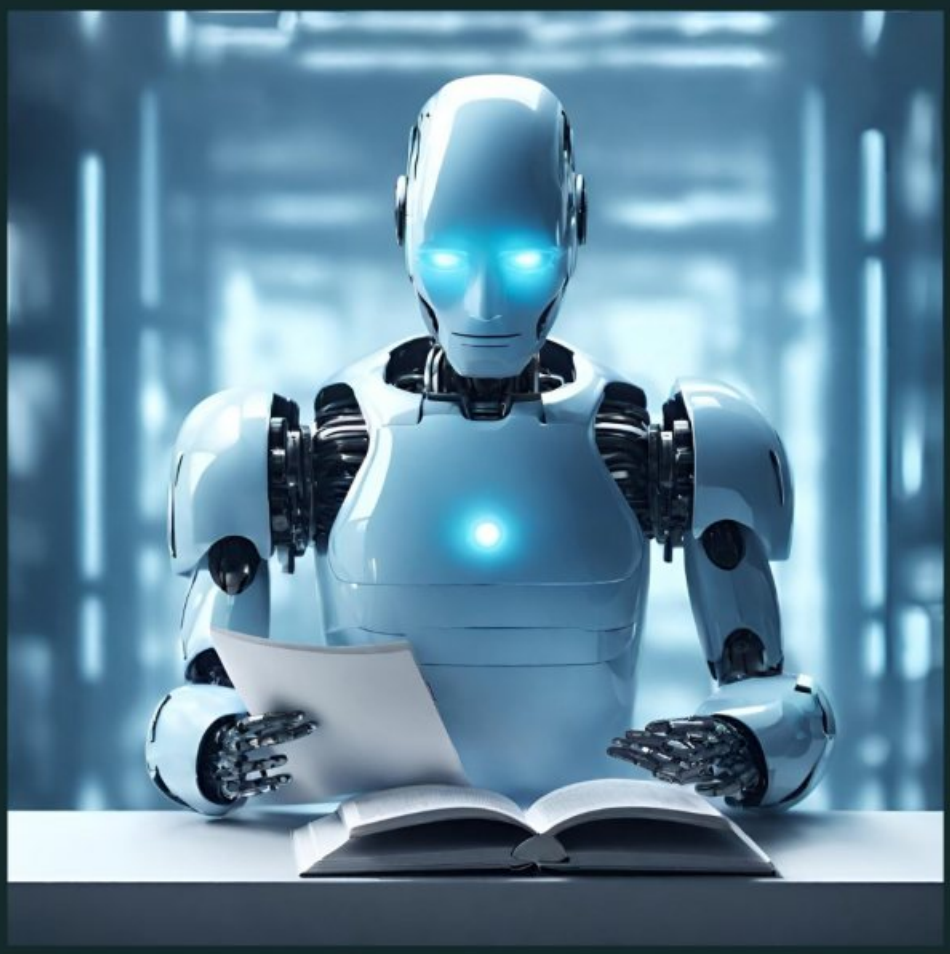
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Morte cor

Por Maria Maia

Maria Maia é socióloga e antropóloga e mestre em comunicação social pela Universidade de Brasília. Trabalhou durante 20 anos como roteirista e documentarista na TV Senado. Publicou poemas em antologias, jornais e revistas. A "poeta da palavra e da imagem", como gosta de dizer, se autodefine com um verso de Mário de Andrade:" eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta".

onde a cor começa
a morte cessa



APRESENTAMOS O POEMA

O Amanhã

Por Meire Marion

Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis Charlie the Fish (2018), O primo do Charlie (2018), O menino que não sabia de onde veio (2021) Dois Gatinhos (2021) e THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.

No horizonte distante, o futuro se desenha,
Promessas de esperança e sonhos por atingir.
Desafios e oportunidades, a vida em caminha,
Em cada passo, a certeza de um porvir.

O amanhã nos aguarda, cheio de mistérios,
Caminhos a desbravar, aventuras sem fim.
Com coragem e determinação, seremos pioneiros,
No futuro que se anuncia, seremos o que queremos ser, enfim.

APRESENTAMOS O CONTO

A Máquina

Por Miguel Przewodowski

Miguel Przewodowski é formado em Comunicação Social na PUC-RJ, pós-graduado em Direção Teatral na CAL-RJ, diretor e autor de televisão, cinema e teatro. Estreou no vídeo experimental em 1986 e realizou filmes de curtas, médias e longas metragens, ficções, séries educacionais e jornalísticas com participações em festivais e premiações nacionais e internacionais.

Davi vivia sob controle. Era um digito facilmente identificável em todos os seus segredos. Grandes companhias controlavam a sua vida integralmente, cada vez mais. Sabiam do seu paradeiro a cada minuto, o que fazia e com quem. Ele achava ótimo. Adivinhavam seus desejos secretos, sugeriam novos, traziam soluções e ele despertava sentindo que cuidavam dele prestando milhares de serviços e criando novas necessidades. Também seu corpo era regido pelo sistema e o mesmo computador gerenciava até as próteses que usava para dar mais agilidade as pernas e os chips que dinamizavam e direcionavam sua mente dispersa.

"Não haveria mais território obscuro", desejava a todo momento no íntimo e, para isso, delegou a vida. Foi uma entrega voluntária em prol de uma causa que o libertaria dele mesmo. Todas as suas manifestações passaram a ser programadas e isso acabou com as instabilidades. Ele se sentia melhor quando programado e relaxava sem fazer nada, dando espaço a preguiça que renunciava a qualquer iniciativa.

Todo dia Davi acordava cedo, comia a dosagem indicada na bula, assistia o programa de capacitação de lideranças, trabalhava o tempo previsto, malhava o tempo indicado e fazia tudo isso sem precisar sair, vendo a vida feliz por telas. E no tempo ocioso consumava navegar aleatoriamente e conversar com amigos que nunca encontrou pessoalmente. Gostava de aplicativos onde sabia que encontraria pessoas com os interesses que tinha e objetivamente as aceitava ou excluía cruzando dados. Fazia suas apurações se informando por grupo ou logaritmos. Pagava um serviço de viagens virtuais com o avatar escolhido e tinha um grupo de estudo sobre o alivio trazido pela natureza utópica das escolhas no mundo virtual.

O sonho se tornava realidade e Davi se sentia parte da coletividade, da história global, da ordem neutra e superior do sistema. Só o sistema acima de todas as cabeças.

A dúvida apareceu quando tentou uma atualização de seus dispositivos que aglutinaria todas as funções num único chip que seria implantado em seu corpo através de uma simples operação na nuca. Com isso, passaria a operar automaticamente como uma maquina e sem imprecisões humanas. Ainda necessitaria de seu corpo para funções vitais, contudo aumentaria muito seu desempenho ao delega-lo em parte aos *bits*. Mas as coisas não aconteceram como previstas e inesperadamente foi traído por sua natureza biológica que mais uma vez impunha seus limites. Teve uma reação violenta ao implante o que inviabilizou a operação.

Isso o excluiu de oportunidades de interações só disponíveis aos beneficiados, como ficaram conhecidos os que receberam o implante. A frustração deixou-o deveras inquieto. Lá estava ele novamente inseguro como esteve no passado. O sistema precisava se explicar pois infelizmente ainda falhava, mas não o fez.

Sabe-se lá como pouco tempo depois, uns dias, creio, faltou energia. Davi não conseguia se mover e se deu conta que não tinha como saber o que se passava sem acesso aos dados da sua programação. O que fazer? Muitas emoções abstratas ocuparam o seu peito naquele dia quando tentou se mover e falhou. O calor era fatal para as máquinas e ele sentia calor. Como driblaria a falta de energia que tomou a cidade e tirou o sistema de funcionamento? Temeu estar se tornando obsoleto para o sistema e prestes a ser colocado de lado num piscar de olhos. Queria um médico ou mais apropriadamente um técnico. Era uma questão de sobrevivência mas qual seria a possibilidade de acessar a manutenção com a internet inoperante?

O sistema não falha, mentalizou. Por sorte, resolveu usar a mente para manter as vibrações positivas, o que, intuía, recarregaria forças.

Subitamente com uma oscilação de energia veio a campainha e junto a ansiedade. Davi seguia sem energia. No corredor de acesso a casa, vozes ecoaram. Eram os técnicos buscando máquinas defeituosas. Seria uma sorte não fosse sua inercia. Tentou usar toda a força para emitir um som e nada. Nenhuma parte do seu corpo obedecia. Seu sistema estava inoperante e ele só não entendia porque ainda pensava. Ele não poderia ser o único e nem o primeiro a sofrer com tal pane. Talvez fosse um atentado ao bom funcionamento do mundo. Quis acreditar na possibilidade de ter na garantia uma solução prevista para uma situação como esta, um plano B, sem erro de *restart,* mas nada conseguiu encontrar em seus possíveis acessos. Depois de alguns toques estridente da campainha veio o silencio total.

Pareceu-lhe possível que o problema fosse apenas com ele que não recebia mais energia. Davi percebeu que continuava desejando. Sentiu sede e fome mas exausto foi desistindo de qualquer tentativa.

Horas depois, ainda consciente e quando em nada mais acreditava e já se sentia sem informações, a campainha novamente soou e ele sentiu um ímpeto natural ao ouvir uma voz doce que há anos não lhe tocava os tímpanos e que imediatamente encheu seu corpo e a sua mente de uma sensação não identificada mas muito prazerosa. A energia subitamente voltou sem explicação. Ele pleno, levantou-se e abriu a porta sem titubear

mas entristeceu-se ao ver que a voz era apenas um *bug* no sistema, uma criação virtual, mas que o recolocou em contato com uma memória antiga que costumava estar bloqueada. Respirou aliviado por poder seguir confiando no sistema. Mas imediatamente em sua mente veio então uma imagem não programada. Veio com força um número e um impulso que não podia ser abortado. Não conseguia decifrar na integra o movimento que urgia por execução. Teria sido hackeado? Seguia sem pensar.

Vestiu-se rapidamente com sua melhor camisa, uma calça nova, meias e um sapato que nunca tinha usado e depois de encher-se de coragem e de um perfume que há tempos estava escondido no fundo do armário, saiu consciente que talvez não voltasse.

APRESENTAMOS O CONTO

Funcionário 084

Por Pedro Adams

Pedro Adams é roteirista, diretor, escritor e haicaísta. Roteirizou e dirigiu quatro curtas-metragens, sendo três de ficção e um documental. Como co-roteirista, já escreveu uma websérie e dois curtas-metragens, ainda não produzidos. Na literatura, já publicou contos na revista estadunidense Bait/Switch e pela Editora Cyberus, e seu conto "Óleo quente" ganhou o Concurso Literário Novos Escritores, promovido pela FUNDAJ. Em 2023, formou-se como Técnico em Multimídia pelo IFRN e ingressou no curso de Psicologia da UFRN.

Sentado no concreto com as costas apoiadas em uma gigantesca torre de energia eólica, recupero o fôlego. O cheiro de terra irrita minhas narinas por baixo de duas camadas de tecido desbotado. Olho para minha mão, e vejo como ela treme ao segurar o revólver.

O poço deve estar a uns 500 metros de distância. Meus colegas se escondem como eu atrás de outras torres eólicas. O calor é escaldante. Minha saliva está grossa de sede. Dois galões de plástico unidos por uma corda fina balançam vazios ao meu lado. O som incessante das turbinas eólicas que infestam a região por quilômetros a fio. Dor de cabeça.

Arrisco uma olhada para além da torre. Cinco seguranças privados avançam ao lado de nossa caminhonete estacionada. Um de meus colegas jaz estirado no chão de terra com três buracos de bala nas costas, junto com seus dois galões, também vazios. Não somos nada além de parasitas em uma fazenda de vento.

Um dos seguranças olha em minha direção e ergue sua arma. Ergo a minha também e disparo. Erramos. Com um grito, ele denuncia minha posição. Preciso fugir. Corro em direção ao poço, o mais abaixado que consigo sem perder velocidade, mas tropeço em um arbusto seco.

Ao ver minha situação, outro colega atira contra os seguranças e um deles desaba com um berro. Há uma breve troca de tiros, e então silêncio. Me levanto e corro para a direita, em direção a outra torre. Quero dar a volta nos seguranças para despistá-los. Paro, respiro, e sigo em direção à próxima torre, e à próxima, e à próxima.

Uma nova troca de tiros, mais ao longe. Com o poço a poucos metros de meus pés, espero que outros colegas estejam a salvo. Me sinto desorientado pelo som das turbinas. Se ainda conseguisse sonhar, sinto que ele me seguiria até lá.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Poema artificial

Por Rafael Rauta Buiar

Rafael Buiar é formado em Direito pela UFPR e em Ciências Econômicas pela FAE. Nascido em Curitiba/PR, desenvolveu seu interesse pela escrita desde a infância, especialmente no gênero poesia. Em 2023, publicou seu primeiro livro de poemas, "Existencialismo Mitológico", de forma independente, pela plataforma Uiclap. O livro utiliza alegorias de personagens mitológicos para apresentar uma narrativa que retrata sobre questões existenciais.

As palavras em vermelho foram escritas por uma inteligência artificial, as demais pelo poeta.

ORIGINAL

No eco dos algoritmos, sussurros de progresso,
A inteligência artificial, qual estrela, guia o excesso.
Mas em meio ao fulgor de zeros e uns a vibrar,
Reside a reflexão sobre o que estamos a criar.

Será o futuro uma sinfonia de harmonia,
Ou um labirinto onde a humanidade se perdia?
Com suas redes neurais, a IA aprende a sonhar,
Mas quem define os limites que ela deve respeitar?

Na fronteira do desconhecido, nossa jornada persiste,
Com a inteligência artificial, o desafio existe.
Entrelaçando ética e progresso no tecido do amanhã,
Desenhemos um futuro onde a sabedoria se faça irmã.

Que a inteligência artificial, em sua evolução,
Sirva como aliada, não como senhora da razão.
No caleidoscópio do porvir, que a humanidade guie,
Com coragem e sabedoria, nosso destino se escreve.

Pois no palco do futuro, onde a IA dança e encanta,
A melodia mais bela é aquela que a humanidade canta.

RÉPLICA

A inteligência artificial, em sua imensa pretensiosidade
Se julga pioneira, uma bússola, uma estrela
Mas você só junta palavras ou realmente pensa?

O que estamos a criar?
Se não um reflexo de nós mesmos, nosso inconsciente temido
Nossos medos, fragilidades, o pensamento reprimido

O labirinto em que nos perdemos
Não está no futuro tecnológico
Mas no nosso psicológico

Tememos o desconhecido,
Julgamos ser uma fronteira
O que é portão de possibilidades

O futuro que desenhamos
Não é o mesmo que criamos

A razão é sua própria senhora,
Dividida entre orgânica e artificial
Agora está órfã

O futuro todos querem prever
Horóscopo virou ópio
Fechamos o caleidoscópio
O futuro só querem escrever

No palco do futuro,
A plateia está lotada
Mas no palco do presente
O holofote está apagado

RESULTADO

No eco das almas vazias, sussurros de progresso,
A inteligência artificial, como os humanos, guia o excesso.

Entre tanto excesso, sobra o vazio

Mas em meio ao fulgor de zeros e uns enigmáticos,
Esquecemos do mundo sobre o que estamos a criar.

Será o futuro uma sinfonia de harmonia,
Ou um labirinto robótico de cacofonia?

Com suas redes neurais, a IA aprende a manipular,
Sempre instigada pela provocação humana
Mas quem define os limites que ela deve respeitar?

Na fronteira do desconhecido, caímos no abismo,
Com a inteligência artificial, corremos mais um risco.

Entrelaçando ética e progresso num sonho ingênuo, artificial,
Desenhemos um futuro onde a sabedoria não é caneta, mas apagador
Para corrigir o instinto programado, mas visceral

Que a inteligência artificial, em sua evolução,
Não se rebele em vias de revolução
Sirva como aliada, não como senhora da razão.
Não seja como seu humano irmão

No caleidoscópio do porvir, que a Fortuna guie,
Com coragem e sabedoria, nosso destino não se escreve, é escrito
Confiar na máquina é viver aflito
Confiar no humano é depender do grito

Pois no palco do futuro, onde a IA se prolifera
A melodia mais perigosa é aquela que a humanidade tolera
O canto da sereia dócil, sem notarmos, nos leva ao ócio

APRESENTAMOS O CONTO

A Fronteira Até as Estrelas - Parte I

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônymo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto “Como a Neve de Maio”. Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com as revistas LiteraLivre e Obook. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de mais de duzentas e noventa antologias até agora. Contato: rschima@bol.com.br

E ela.

Só o frio.

Só o silêncio.

Não havia luar.

Não havia nuvens.

O céu estava límpido.

Sobre a elevação, na extremidade de um rochedo de granito, lá estava Lucila, mulher de vinte e nove anos, cabelos castanhos pouco ondulados, olhos grandes da mesma cor, corpo bem proporcionado, ereto e tez arrepiada devido a friagem noturna. Seu rosto que tantas e tantas vezes admirara o firmamento, agora o fitava com expressão magoada.

Fora traída.

Tão traída quanto antes havia sido atraída para o cintilar das estrelas.

Ali, naquele mesmo local, por diversas vezes ela e Lúcio se encontraram, namoraram, fizeram amor e puseram-se a observar o cenário abaixo onde se situava o Centro Espacial Desidério. Agora, rodeado por uma auréola de luz, destacava-se em seu centro o foguete que, em breve, alçaria voo até a astronave *Fênix BM-40a*. Em órbita, a *Fênix* aguardava paciente o início de sua histórica missão: tocar o infinito. Lucila quase pôde sentir a tensão que devia dominar a sala de controle e os tripulantes. Voltou sua vista para o alto, para o quadro negro do espaço e seus incontáveis mistérios. Quantas vezes ela e Lúcio não se indagaram sobre o que haveria por lá? Os desenhos das constelações eram um capricho dos homens, todavia, o chamado das estrelas era verdadeiro e mais antigo do que o deslocamento dos deuses nos confins do espaço.

A derradeira fronteira estava prestes a ser tocada.

Lágrimas rolaram sobre as faces aveludadas.

— Droga de estrelas, vocês me traíram!

***

Lucila e Lúcio se conheciam desde o tempo de criança e, já naquela época, os pais comentavam entre si que a amizade acabaria em casamento, o que as crianças refutavam com veemência, cada qual enrubescendo feito um tomate maduro. Desde aquela época, compartilhavam sua paixão pela Astronomia, ao menos até o ponto em que os pequenos

compreendiam a natureza do Sol, da Lua, da magnitude do céu e do polvilhar de milhares de estrelas na escuridão. Os astros os unira. A amizade — e posterior namoro — era o mais próximo que compreendiam da eternidade. De certo modo, era de estranhar o apego dos dois por tal Ciência. Muito tempo antes de nascerem, a exploração espacial deixara de ser um assunto em destaque.

Por mais inacreditáveis que fossem os feitos da Astronáutica, banalizaram-se. Na década de 1960, o mundo atravessara várias transformações: nas artes, na tecnologia, nas situações político-sociais, na consciência da juventude. Polarizada em duas grandes potências de ideologias rivais, cujos armamentos poriam termo a existência da espécie humana, engalfinharam-se durante anos por meio de guerras por procuração. Seus primeiros satélites artificiais iniciaram aquilo que viria a ser conhecido como "A Conquista do Espaço", sendo "conquista" um termo mais do que apropriado para descrever o real objetivo. Tinha menos a ver com Ciência e mais com prestígio político, ideológico e militar. As implicações estratégicas disponibilizadas pelos foguetes eram óbvias. Os principais engenheiros por trás dos artefatos foram originalmente oficiais nazistas cujos projetos na Alemanha realizaram-se à custa de trabalho escravo. Questões penais e morais foram postas de lado em função de um hipotético bem maior.

Todavia, para as crianças de então, tais assuntos conflituosos eram um tanto distanciados. Sentiam-se empolgadas e felizes em meio ao clima de otimismo e entusiasmo a cercar os foguetes. A Astronomia e a exploração cósmica eram os assuntos do momento e focos das grandes atenções populares. O Universo perfilava-se como um reino fascinante e misterioso a espera de ser alcançado num erguer de mãos, despertando miríade de perguntas. Era o tempo das *Sputniks*, das *Vostoks*, das *Apollos*, de Yuri Gagárin, das sondas na Lua, do ser humano orbitando a Lua e de Neil Armstrong imprimindo suas pegadas no satélite natural. Televisores à válvula transmitiram imagens de baixa resolução e em preto e branco do momento histórico. Jornais trouxeram estampadas notícias de primeira página. Revistas lançaram edições especiais. Álbuns de figurinhas traziam concepções artísticas de naves visitando outros planetas. A imaginação quanto a um futuro próximo e próspero para a humanidade no espaço corria esperançosa, em oposição aos graves problemas terrenos então vigentes.

Tais tempos pioneiros ficaram para trás. Após, novas colônias na Lua, em Marte ou nos asteroides mal mereceram notas de rodapés em jornais. O público perdera o interesse. Quem se importava com os micro-organismos em Europa ou nos oceanos de Titã?

Contudo, ainda havia gente como Lúcio e Lucila cujo olhos brilhavam a cada novidade. E os rostos erguiam-se deslumbrados em direção ao céu, sonhando em alcançar tais maravilhas e além.

Não foi surpresa para ninguém quando ambos dirigiram seus estudos para essa área. Dedicados, cada qual destacara-se em suas respectivas especializações. Lucila tornara-se radioastrônoma. Desejava o máximo: comunicar-se com alguma forma de vida fora da Terra. Lúcio, por seu turno, fizera-se piloto de aeronaves e candidatara-se para uma vaga de navegador em naves espaciais. Fora aprovado e passara a fazer viagens de abastecimento às estações espaciais em órbita da Terra e da Lua.

Quando o *Projeto Vento Cósmico* surgira, ambos se encontravam entre os primeiros a disputar uma vaga. O objetivo da missão não poderia ser mais ambiciosa de toda a exploração espacial: alcançar outro sistema solar.

— Nós temos que estar a bordo! — dissera Lucila.

— Estaremos — afirmara Lúcio.

— Como pode ter certeza?

— Tem que ser assim. Tudo em nossas vidas convergiu para isso.

Enfim, a imprensa e a atenção popular ressuscitaram. Centenas de milhões desviaram suas atenções dos problemas mundanos e a humanidade tornara a sonhar sobre os sóis distantes, o progresso aliado ao bem-estar e a felicidade.

Outro mundo.

Outra realidade.

Outra expectativa.

Ao contrário do passado, não havia mais disputas tribais entre países. Em tese, o dirigente de uma nação e demais políticos deveriam ser o que de melhor uma sociedade teria a oferecer não apenas para representá-la e engrandecê-la, mas em benefício dela trabalhar. E não a envergonhar em proveito próprio ou matar em seu nome. Demorara, contudo, a maioria aprendera. Seria um projeto conjunto. A bandeira a ser fincada não representaria um único país, mas a espécie humana. Não obstante as pieguices, idealismos e ingenuidades, todos o sabiam, a hipocrisia e interesses escusos teimavam em persistir. Até por isso, a esperança era genuína em muitos corações, como bem demonstrava o jovem casal.

No familiar cume do rochedo, Lucila virara-se para o namorado.

— Passaremos na seleção e casaremos no espaço! O primeiro casal das estrelas.

Lúcio arregalara os olhos.

— Está me pedindo em casamento?

Dando-se conta de suas próprias palavras, Lucila corara.

— Acho que estou... Aceita?

Um largo sorriso se abrira no rosto do rapaz. Respondera:

— Não.

Diante da expressão decepcionada de Lucila, acrescentara rapidamente:

— É brincadeira, bobinha. Claro que aceito. Mas *eu* deveria ter feito o pedido.

Abraçando-se a ele, Lucila sussurrara em seu ouvido direito:

— Você sempre foi meio lerdinho... Ou lerdinho e meio!

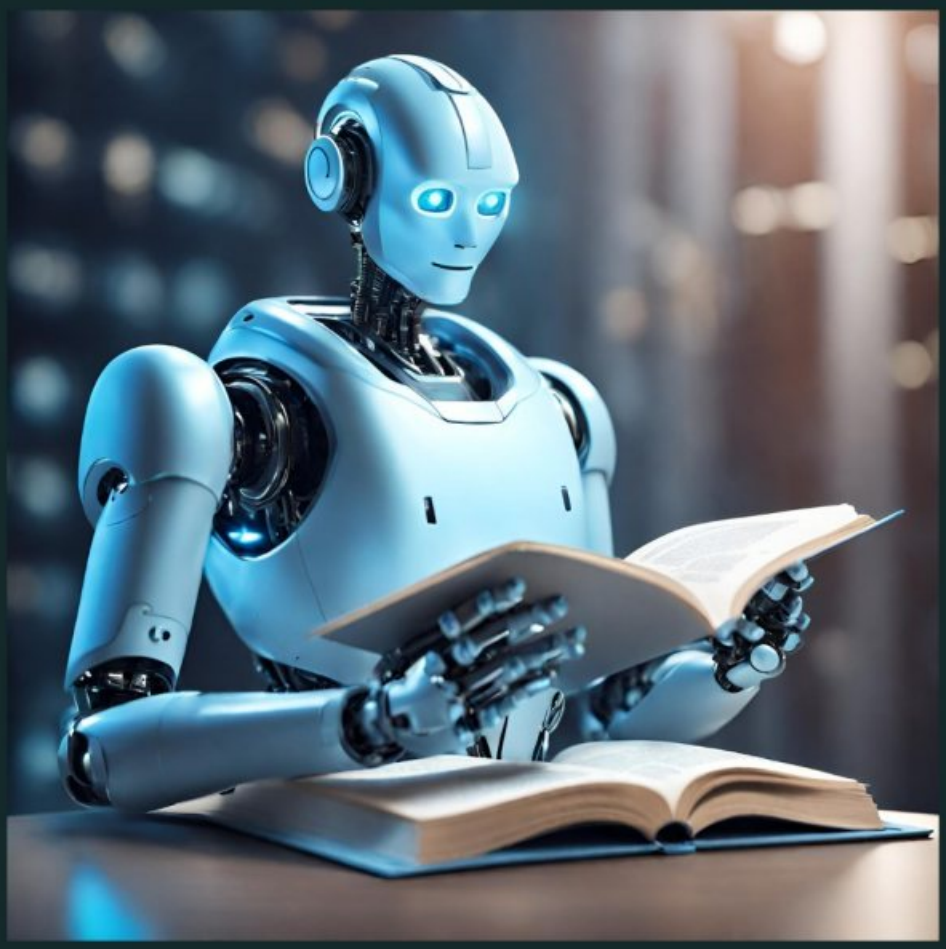
Lúcio a agarrara e, sob o tênue luar, retirara as roupas dela. Amaram-se pela primeira vez. Depois, suados e ofegantes, observaram as três estrelas do cinturão de Órion. Lucila murmurara cheia de ternura:

— Lerdinho...

Havia a esperança de um futuro juntos no espaço.

***

CONTINUA...



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Fronteira Até as Estrelas - Parte II

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônymo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com as revistas LiteraLivre e Obook. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de mais de duzentas e noventa antologias até agora. Contato: rschima@bol.com.br

Para concretizar o sonho de alcançar outra estrela, o Projeto Vento Cósmico faria uso da astronave *Fênix BM-40a*. Fora construída num estaleiro espacial a partir de materiais oriundos da Terra e da Lua. À semelhança dos galeões do passado, estenderia suas velas para que o vento as impulsionasse através do oceano. A diferença ficaria a cargo do fato de serem quatro velas de prata cujas áreas cobririam duzentos e vinte e cinco quilômetros quadrados cada e o vento responsável seria o fluxo de partículas energizadas do Sol. Alcançada a aceleração máxima dessa forma, as velas seriam recolhidas e o vôo prosseguiria de forma inercial. Apesar da velocidade alcançada ser equivalente a 20% da velocidade da luz, o *Projeto Vento Cósmico* levaria meio milênio até atingir a estrela *Morpheus* e o planeta *Hypnos*, semelhante à Terra. A sobrevivência da tripulação ficaria a cargo do *SCSA — Sistema Criogênico de Suspensão Animada* o qual a preservaria em sono profundo até alcançar seu distante objetivo.

Lúcio e Lucila estudaram com afinco.

Realizaram todos os exames.

Tiraram notas máximas.

Comemoraram.

Entretanto, divulgadas as listas de selecionados para o memorável voo, apenas o nome de Lúcio se encontrava presente.

— Como assim? — falara Lucila. — Fui a primeira colocada!

— Não pode ser. Com certeza, foi um erro.

Ficaram chocados. Lucila tivera resultados excepcionais.

Ainda que a decisão dos organizadores não devesse ser posta em discussão, Lúcio o fizera. Em consideração por ter sido escolhido, abriram uma exceção e informaram que, enquanto exímio piloto, ele seria essencial. Todavia, a radioastronomia poderia ser exercida na base dentro do próprio Sistema Solar, na qual Lucila ocuparia posição de destaque. Ela não lera as letrinhas miúdas? A desculpa esfarrapada só servira para encobrir o fato de que o sobrinho de um político tomara o lugar de Lucila, não obstante a sua classificação ter sido inferior. Ele também era radioastrônomo.

— Se Lucila não for, eu não irei! — protestara.

— Jogará o sonho de sua vida no lixo? Li sua ficha, rapaz. Desde criança sonhou com esse momento. Conforme escreveu em sua redação, tudo convergiu para o projeto. A

Fênix partirá em breve. Gente almejando seu lugar não falta. Tem três dias para se decidir e me dar uma resposta. Seu silêncio será interpretado como desistência. Pense bem!

Lucila não fora menos enfática:

— Deve ir! Você desejou isso a vida toda.

— Não vou sem você.

— Se ficar, me odiará por isso.

— Se seu for, nunca mais nos veremos!

— Melhor lembrarmos de nosso amor do que passar o resto da vida em mágoa. Já basta a minha decepção. Vá! Realize o sonho por nós dois.

Lúcio balançara a cabeça, desolado.

— Se eu for, para mim será apenas um sono. Não terei noção do tempo decorrido. Porém, ao despertar, você terá morrido há quinhentos anos!

Ela se abraçara a ele tanto para senti-lo quanto para evitar que Lúcio lesse o horror em seu rosto.

Lúcio inalara a fragrância dos cabelos macios da mulher.

— Lembre-se de mim com ternura — dissera Lucila —, sabendo que o amei até o fim de meus dias.

— Te-tem certeza?

— Tenho — mentira ela, esforçando-se por não fraquejar. — Vá, Lúcio.

Assim, Lúcio se dirigira ao *Centro de Controle* e se preparara para a longa jornada. Deveria ser o momento maior da vida de ambos, todavia, cada passo de Lúcio do *Centro Espacial Desidério* em direção ao foguete dera-lhe a impressão de calçar botas de chumbo.

Deveria ser um sonho, não uma espécie de pesadelo.

***

Na noite do lançamento, Lucila voltara à ponta do rochedo. Lá, teria uma visão privilegiada do lançamento. Mas não havia qualquer sentimento de júbilo no coração, tão apertado quanto uma mão a espremer um fruto suculento.

Agora, coração e mente não suportaram. Pôs-se a chorar assim que entraram em ignição os motores do foguete que levariam Lúcio até a astronave *Fênix BM-40a*. Quase pôde sentir a vibração do solo ao ver o clarão azul e amarelo na plataforma de lançamento. E, a

medida em que o veículo começou a subir, foi como se Lucila caísse em um poço. De olhos marejados, acompanhou o rastro de fogo em direção às nuvens, tornando-se cada vez mais diminuto até perfurá-las e desaparecer na escuridão do firmamento.

— Lúcio...

Seus braços se ergueram, mas o foguete encontrava-se fora de qualquer alcance.

Chorou durante um longo tempo, sem vontade de sair dali. Quando o pranto cessou e as lágrimas secaram, Lucila escutou um barulho atrás de si. Sobressaltada, virou-se.

Emergindo das sombras, cansado e sujo, ele apareceu: Lúcio.

A jovem não acreditou em seus olhos. Cerrou as pálpebras e, ao tornar abri-las, ele continuava lá.

— Mas como? Por quê?

Lúcio deu de ombros.

— A caminho do *Centro Espacial*, pus-me a pensar. Sou devagar — você bem o disse — mas, afinal, entendi.

— Entendeu o quê?

— Cheguei à conclusão óbvia: de nada valem todas as estrelas do Universo sem você ao meu lado.

Lucila agarrou-o feito um náufrago à boia salva-vidas. Num misto de emoções, xingou:

— Seu tonto! Seu bobo! Seu... Era o seu grande sonho e oportunidade. Outros mundos... As estrelas! Por quê? Irá me detestar por não ter viajado. Você...

— O que teria feito em meu lugar, Lucila?

— Teria ido embora sem titubear!

Lúcio encarou a jovem e fez uma expressão magoada. Então, notou o brilho nos olhos da mulher.

— Tonta é você! Você é o meu grande sonho. Quando eu despertasse do *SCSA*, seria imediatamente tomado pelo vazio de sua ausência. Eu iria me odiar pela má escolha que fiz até findar os meus dias.

— Mas... Mas...

— Ademais, outras missões surgirão. Em alguma delas, poderemos ter sorte... juntos.

— E se em nenhuma acontecer? — indagou Lucila, hesitante.

Lúcio sorriu.

— Não seja pessimista. Contudo, se não formos escolhidos, azar das estrelas!

Desceram do rochedo de granito e deram às costas ao céu noturno.

No caminho, Lucila resmungou uma última vez, sorrindo:
— Tonto!

***

A derradeira fronteira até as estrelas era mais íntima e profunda do que a enormidade das distâncias entre os astros. Dividia o que a humanidade possuía de humano daquilo que a transformava em máquina, a emoção da lógica, o que ganharia ao seguir em frente da irremediável perda ao olhar para trás.

Ali, naquele mesmo local, por diversas vezes ela e Lúcio continuaram a se encontrar, namorar, fazer amor e, enfim, se casar. Sim, seus familiares tiveram razão. Mas nenhum rubor houve dessa vez.

Prosseguiram a observar tanto o cenário abaixo quanto a erguer o rosto e se encantar com o quadro negro do espaço e seus incontáveis mistérios. Lucila não mais se sentia magoada e tampouco traída. Lúcio descobriu um novo mundo: o de marido e de pai.

O céu estava límpido.

Não havia nuvens.

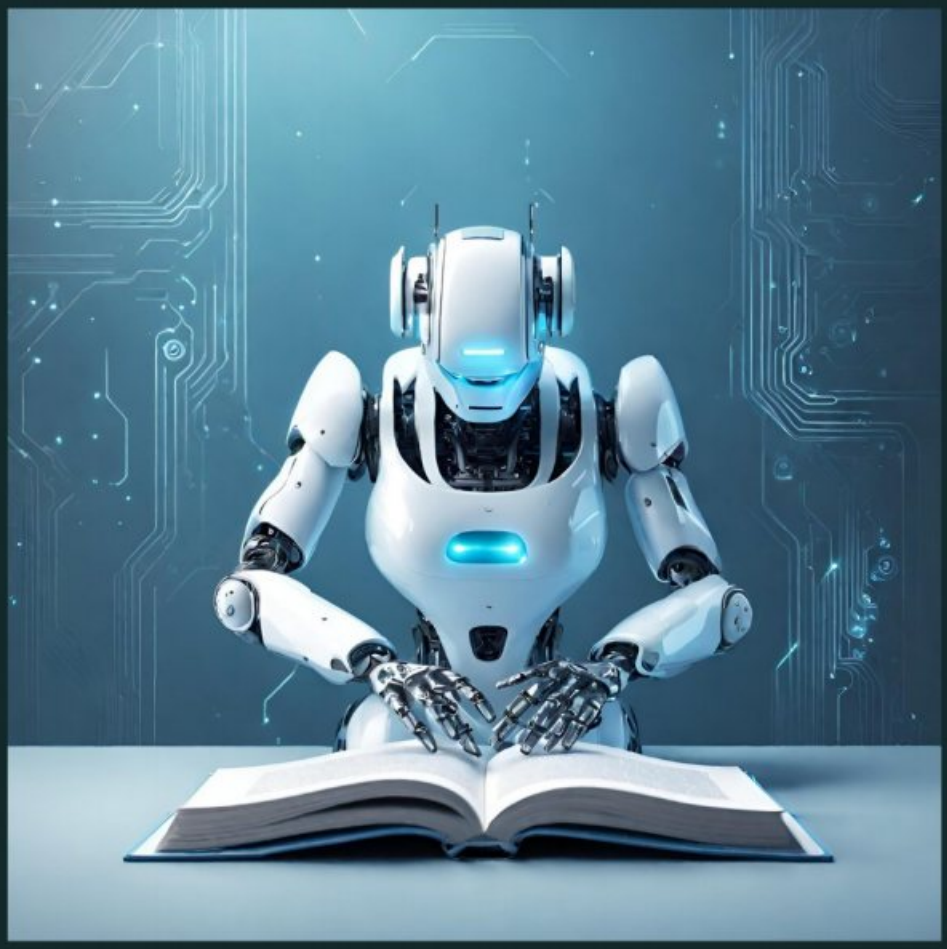
Não havia luar.

Só o silêncio.

Só o frio.

E *eles*.

Quanto ao *Projeto Vento Cósmico*, a astronave *Fênix BM-40a*, seus tripulantes adormecidos, a estrela *Morpheus* e o planeta *Hypnos*, apenas os descendentes da humanidade daqui a meio milênio iriam saber.



APRESENTAMOS O POEMA

Está acontecendo

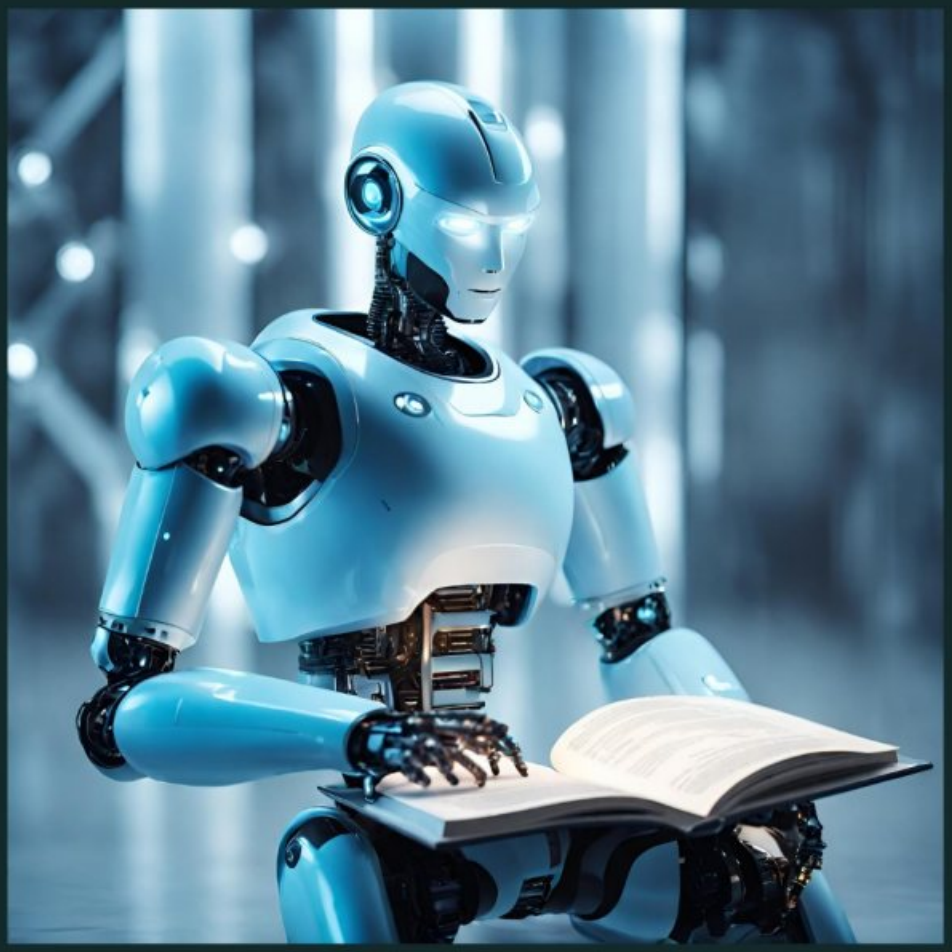
Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Esta brancura que esconde
as cinzas da véspera, transcende,
da populaça, o entendimento.
E ficamos a esperar, sem imaginar,
a próxima descarga
da "bravia" Natureza...

O que falta para nos mostrar
e provar que chegaram já
aos incrédulos, os extremos?
Desafiaram... como a rirem
da ignorância dos agentes.

E os agentes, ignoram
e com as suas ações, continuam...
Incoerência e desajuste...
A não anteverem os sinais
de um trágico amanhã.



APRESENTAMOS O POEMA

Sombrio Futuro

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Neste periférico braço da galáxia,
neste diminuto, mas maternal mundo,
ante a suprema fonte da sua vida,
muitos se vergam, muitos estão mudos.

Nem sempre deixa passar a vital e desejada
luz... uma fumacenta cortina,
que torna cinzento o azul do espaço.
E oscila a constrita humanidade.

Tardia, a renascida *Amarna*...
neste diferente mas desértico horizonte.
E pela suplicante massa,
não é sensibilizado *Aton*.

A fonte foi e será insensível a rezas.
Milagres aos pedintes, não restam,
mas a amarga já velha verdade...
Já comprometido qualquer amanhecer.

APRESENTAMOS O POEMA

O futuro em cada passo

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Uma partícula além do horizonte, parece...
Que longínqua e misteriosa, se sente...
O futuro!
Inacessível distante obscuro.
Para o visionário, quantas possibilidades
quantas incertezas!

O presente... um tempo sem limites...
Com uma bússola que com eixos e polos,
não se importa,
um contínuo navegar.
Numa balsa que não liga a sinais de terra...
apenas a enfrentar as surpresas do mar.

Inexistência de fronteiras na sua continuidade...
uma ilusão de plenitude.
Cada passo do presente,
um átimo de futuro, aprisionado.
Instalado, o revelar
e preencher da ausência.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A passar

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Tudo a passar...
Agitado... como
pelo vento levado.

Num constante
fluir... tudo.
Sem controle.

Imparável tempo.
Redemoinho...
(e eu incomodada).

Quisera ter
a magia atribuída
aos deuses... apenas!

No tempo, retornar
e falhas brutais tentar coibir.
Mas, sabendo...

Ao futuro distante
dar-me o prazer
de o ver... se abrir.

E nas dimensões
fluir...
Estar, voltar e ir.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI